



Fédération
Internationale des
Centres de
Préparation au
Mariage



A nova

évangélização

transmissão

da fé

Por Salvador Pié-Ninot



Sommaire

“A NOVA EVANGELIZAÇÃO” SEGUNDO O SÍNODO DOS BISPOS (OUTUBRO 2012).....	2
PRIMEIRA PARTE: UM AMPLO PANORAMA DA GRANE MUDANÇA CULTURAL PRESENTE (7-17.X)	2
SEGUNDA PARTE: PARA UMA SÍNTESE: “A SAMARITANA” COMO SÍMBOLO (18-28.X)	3
1 - O trabalho do sinodo.....	3
2 - <i>Perspectivas</i> da Exortação Apostólica: “A ALEGRIA DO EVANGELHO” (24.XI.2013):	5

“A NOVA EVANGELIZAÇÃO” SEGUNDO O SÍNODO DOS BISPOS (OUTUBRO 2012)

PRIMEIRA PARTE: UM AMPLO PANORAMA DA GRANE MUDANÇA CULTURAL PRESENTE (7-17.X)

Este Sínodo dos Bispos, a que assistiram mais de 300 bispos representantes dos diferentes episcopados, além de uma delegação dos Provinciais das Congregações Religiosas e diversos convidados, acompanhados por mais de 40 peritos, começou com umas informações continentais e múltiplas intervenções individuais, que de forma muito unânime manifestaram uma consciência forte e crescente da *grande mudança cultural* que se está a verificar no mundo actual na sua relação com a fé cristã e a Igreja. Entre os pontos principais destacaram-se a secularização e o relativismo dominantes, juntamente com o eclipse progressivo de Deus e a emergência da laicidade, tanto no sentido positivo, entendida como autonomia do temporal e respeitosa para com o fenómeno religioso, como laicidade no sentido negativo, de cariz anti-religioso e agressivo, presente ainda em certos ambientes e países.

Neste contexto se apresentou o conceito de *Nova Evangelização*, tal como foi introduzido por João Paulo II e usado por Bento XVI ao criar o “Pontifício Conselho para a Nova Evangelização”. Para o compreender convém ter presente os três aspectos que comporta o conceito de Evangelização: em primeiro lugar (1), *a pastoral ordinária e habitual de evangelização*; em segundo lugar (2), *a que comporta o anúncio específico aos que não conhecem Jesus Cristo (ou a missão aos gentios e às ‘Missões’)* e, em terceiro lugar (3), *a chamada nova evangelização orientada para as pessoas que mesmo sendo baptizadas, se afastaram da Igreja e vivem sem ter presente a praxis cristã. Obviamente esta última orientação, conhecida especificamente como “Nova Evangelização”, não deve diminuir as outras duas: nem o impulso ‘missionário’ manifestado no anúncio de Jesus Cristo àqueles que ainda não o conhecem (missão aos gentios), nem tampouco deve diminuir a actividade ordinária de evangelização nas nossas comunidades cristãs. Por isso, disse Bento XVI na Missa inicial, que: “os três aspectos da única realidade da evangelização completam-se e fecundam-se mutuamente”.*

Contudo, a chave de leitura da grande maioria das intervenções sinodais centrou-se no conceito geral de Evangelização, como missão fundamental da Igreja, na linha da Encíclica de Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi* (1975). Documento que continua sendo um eixo decisivo sobre este tema, ao reler a perspectiva eclesial missionária do Vaticano II com uma palavra nova para a tradição católica naquele momento, como é o conceito amplo de “Evangelização”. Desta forma, emergiu uma concepção complementar da *Nova Evangelização*, já anunciada também por João Paulo II, que mais do que centrar-se nos baptizados afastados, sublinha igualmente com força *a nova forma e o novo ardor* necessários hoje para anunciar e testemunhar Jesus Cristo na vida diária do nosso mundo, e acentuar assim a sua permanente ‘novidade’.

SEGUNDA PARTE: PARA UMA SÍNTESE: “A SAMARITANA” COMO SÍMBOLO (18-28.X)

1 - O trabalho do sinodo

Foi uma etapa muito viva e dinâmica com onze grupos linguísticos para redigir *Proposições* operacionais a apresentar ao Papa, para que as possa ter presentes na Exortação Apostólica correspondente a este Sínodo, que costuma publicar-se um ano e meio após a sua conclusão (neste caso “A Alegria do Evangelho” de 24.XI.2013). Por outro lado, nesta etapa redige-se

em comissão e aprova-se em assembleia plenária a *Mensagem ao Povo de Deus* sobre o tema do Sínodo, que tem a missão de apresentar as suas grandes questões num texto pensado para todo o mundo na forma de manifesto público e que por isso se converte na melhor síntese comunicativa do Sínodo.

Por isso, se algum resumo significativo se pode fazer deste Sínodo sobre a Nova Evangelização, este está precisamente no precioso símbolo-síntese que introduz a “Mensagem ao Povo de Deus” baseada na *narração da Samaritana e o seu encontro com Jesus*. Com efeito, este Sínodo deu-se conta da situação de “desertificação espiritual do nosso mundo” (Bento XVI na sua comovedora homilia do dia do 50º aniversário do início do Concílio Vaticano II), – como a narrativa da Samaritana – e, por sua vez, deu-se conta das diversas ânsias de sede, especialmente de sentido, presentes em todo o lado. O encontro pessoal com Jesus Cristo, descoberto só no final da narrativa da Samaritana, mudou a sua vida e tornou possível que o anunciasse. Por esta razão, esta narrativa evangélica, convertida em símbolo, é *a melhor síntese da experiência deste esperado Sínodo* que partiu de uma ampla consciência da necessidade que tem a missão evangelizadora de toda a Igreja de uma mudança e de uma séria adaptação às novas situações do nosso mundo, e é a partir daqui que surge a expressão de *Nova Evangelização*, dirigida particularmente aos baptizados afastados da fé, mas também concebida como um novo ardor, uma nova força e novos métodos para evangelizar hoje!

De facto este Sínodo, na prática, privilegiou esta última compreensão da Nova Evangelização como *novo ardor, nova força e novos métodos* na missão fundamental da Igreja, e isto pode-se ver nas *58 Proposições* votadas pelo Sínodo que se apresentaram ao Papa. Daí, que a característica mais própria deste Sínodo está na consciência viva e generalizada, posta em evidência, de que estamos perante um momento fortemente novo, e de que faz falta afrontá-lo com lucidez para que o anúncio e o testemunho do Evangelho sejam de novo uma Boa Nova para todo aquele que esteja aberto para a acolhê-la. Tudo isto, este Sínodo o viveu com intensidade a partir da escuta do eco das distintas igrejas de toda a comunidade Católica - com mais de 270 intervenções dos padres sinodais - e no final tentou iniciar alguns passos mediante a formulação de 58 proposições, orientadas muitas delas para melhorar, para realizar com novo ardor e com novos métodos a nossa pastoral ordinária, apontando e esboçando alguns elementos do que terá de ser progressivamente aquela *Nova Evangelização* que responda à nova realidade em mudança, secularizada e pluralista, em que vivemos. Por isso, o grande símbolo-síntese deste Sínodo oferecido pela *Mensagem ao Povo de Deus*, dirigido a toda a Igreja, é a imagem da Samaritana, no deserto, em busca da água viva, com a possibilidade de se encontrar com o Senhor, de mudar de vida, e de dar testemunho... E por isso é a sua melhor herança para nós e para compreender a Nova Evangelização!

Nesta linha, note-se as finas precisões do Papa Bento XVI na sua homilia final onde sublinha que para além do fortalecimento da pastoral ordinária ‘tradicional’, a *Nova Evangelização* comporta também uma ‘criatividade pastoral’ relevante, com estas palavras: “além dos métodos pastorais tradicionais, sempre válidos, a Igreja tenta utilizar também *métodos novos*, usando igualmente *novas linguagens, apropriadas às diferentes culturas* do mundo, propondo a verdade de Cristo com uma *atitude de diálogo e de amizade* que tem como fundamento Deus que é Amor. Em várias partes do mundo, a Igreja já empreendeu este caminho de *criatividade pastoral, para se aproximar das pessoas afastadas e em busca do sentido da vida, da felicidade e, em definitivo, de Deus*”. Neste sentido, o mesmo Bento XVI enumerou os seguintes exemplos: “As Missões cidadinas” (em dez grandes cidades da Europa 2012/2013), “O Átrio dos gentios” (realizado em múltiplas dioceses de todo o mundo) e “A Missão Continental” (própria da América Latina promovida pelo CELAM)...”.

2 - *Perspectivas* da Exortação Apostólica: “A ALEGRIA DO EVANGELHO”

Como é tradicional, os frutos dos Sínodos dos Bispos são recolhidos numa Exortação Apostólica do Papa, como aconteceu desta vez com “A Alegria do Evangelho” (*Evangelii Gaudium*), embora neste caso sem o adjectivo de “pós-sinodal”, tal como já aconteceu com a *Evangelii Nuntiandi* de 1975, porque vai mais além do Sínodo correspondente. De facto, o Papa Francisco sublinha que “aceitei com gosto o pedido dos Padres sinodais de redigir esta Exortação (*Proposição*, nº1). Ao fazê-lo, recolho a riqueza dos trabalhos do Sínodo” (nº16). Como pode constatar-se são recolhidas com certa austeridade 28 das 58 proposições sinodais, dado que Francisco tem como interesse primário nesta Exortação “expressar as preocupações que me movem neste momento concreto da obra evangelizadora da Igreja” (nº16). Por isso, converte-se no documento-programa deste Papa!

E neste contexto esta Exortação é um documento excepcional. Com efeito, excepcional porque nunca um Papa tinha escrito com tanta radicalidade que a Igreja deve pôr-se em estado de missão e que para realizá-lo afirma - quinze vezes - que deve fazê-lo mediante a reforma e a renovação eclesial. Por isso, propõe-se como mais relevante a nível institucional: uma “descentralização” das competências de Roma às Igrejas locais com um novo exercício do primado promovendo a colegialidade; a incorporação dos leigos e das mulheres em lugares de decisão; uma pobreza visível e uma perceptível “opção” pelos pobres: eis o núcleo deste programa da reforma de longo alcance!

O centro da Exortação é “a transformação missionária da Igreja; a Igreja em saída” que comporta uma “pastoral da conversão” na qual “já não nos serve ‘uma simples administração’” (n.ºs. 25-33). Tal renovação parte “do coração do Evangelho” e é aqui que descreve com notável finura teológica a questão da “hierarquia de verdades na doutrina católica” – citação do Vaticano II corroborada aqui com quatro citações de São Tomás de Aquino! - onde se formula o “núcleo ou essência fundamental” do Evangelho: “*a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado*” (n.º36), com uma conclusão clarificadora onde se critica quando: “se fala mais de lei que da graça, mais da Igreja que de Jesus Cristo, mais do Papa que da Palavra de Deus” (n.ºs. 34-36). E além disso recorda que “São Tomás de Aquino destacava que os preceitos dados por Cristo e pelos Apóstolos ‘são pouquíssimos’. Já Santo Agostinho advertia que os preceitos acrescentados pela Igreja posteriormente se devem exigir com moderação” (n.º43).

Por isso, a Igreja deve apresentar-se como “uma mãe de coração aberto” (n.ºs. 46-49), lugar onde se incorpora um ponto dedicado à Eucaristia, notável pela fundamentação patrística aportada – coisa não habitual neste tipo de documentos! -, certamente para que não apareça como um tema puramente conjuntural, mas que está bem baseado no pensamento cristão do primeiro milénio eclesial, época dos dois Padres da Igreja citados, ao escrever com precisão: “A Eucaristia, se bem que constitui a plenitude da vida sacramental, não é um prémio para os perfeitos mas antes um generoso remédio e um alimento para os débeis” (afirmação reforçada por três citações patrísticas de Santo Ambrósio de Milão e São Cirilo de Alexandria). Citações às quais o Papa acrescenta esta reflexão: “Estas convicções também têm consequências pastorais que somos chamados a considerar com prudência e audácia. Frequentemente comportamo-nos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega, é a casa paterna onde há lugar para cada um com a sua vida às costas” (n.º 47). Trata-se dum pista possível para a questão da recepção ecuménica da Eucaristia e, por seu lado, para matrimónios ‘desfeitos’ com firme vontade cristã? (cf. o lúcido artigo, por encomenda do Papa, de W. Kasper, *O Evangelho da família*, Sal Terrae, 2014, à reunião do consistório de cardeais de 20.II.2014).

Sobre a família constata-se que “atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos torna-se especialmente grave porque se trata da célula básica da sociedade, o lugar onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer a outros, e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos. O matrimónio tende a ser visto como uma mera forma de gratificação afectiva que pode constituir-se de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um. Mas o contributo indispensável do matrimónio à sociedade supera o nível da emotividade e o das necessidades circunstanciais do casal. Como ensinam os Bispos franceses, não procede ‘do sentimento amoroso, efémero por

definição, mas da profundidade do compromisso assumido pelos esposos que aceitam entrar numa união de vida total” (nº66). O individualismo pós-moderno y globalizador favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos familiares. A acção pastoral deve mostrar melhor todavia que a relação com o nosso Pai exige e encoraja os vínculos interpessoais...” (nº67).

Sobre os leigos recorda-se que: “A tomada de consciência da responsabilidade laical não se manifesta da mesma maneira, seja porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, ou por não encontrar espaço nas suas Igrejas particulares para poder exprimir-se e actuar, com origem num excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões. A formação de leigos e a evangelização de grupos profissionais e intelectuais constituem um desafio pastoral importante”(nº102).



FICPM

www.ficpm.org

